



Reestruturação Produtiva e Precarização do Trabalhador¹

Fábio Silva SOUZA²

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Resumo

Após Segunda Guerra Mundial o Japão estava imerso em um contexto de total destruição, nesse cenário assistiu-se a uma reorganização do modelo produtivo que procurou otimizar lucros a cada peça produzida. E assim surge o *Toyotismo*, criado em 1945 e só pulverizado para outras nações em meados da década de 70, quando críticos Estado do Bem Estar Social passaram a condenar os gastos excessivos praticados pelos Estados, bem como o processo inflacionário decorrente desse modelo. De modo paralelo a essas críticas, assistiu-se a uma defesa de maior contenção de gastos e enxugamento do Estado, pautado em um modelo de privatizações e na retomada do liberalismo, que valorizavam iniciativas voltadas para o empreendedorismo e a livre iniciativa. Na filosofia dos idos de 70, o filósofo francês François Lyotard propôs a tese de falência das ciências. Ele partiu em especial das abordagens de longa duração propostas pelo marxismo, e argumentou que essas descumpriram seus requisitos em busca da verdade, submergindo a relatos metanarrativos, mais próximos dos sistemas ideológicos. Suas análises tiveram, denominadas de pós-modernas, repercutiram no cenário epistemológico e o marxismo tradicionalmente pautado na luta de classes ganhou nova conotação, através dos conflitos étnicos, raciais, de gênero, questões ecológicas etc. O espaço de ampliação do *Toyotismo* se deu com a saída do Estado da esfera econômica, em um momento de retração financeira. Então nos perguntamos: essa seria de fato uma das melhores opções a ser tomada pela economia mundial, particularmente nesse momento? Nossa intuição é que, a retirada do Estado fragilizou o trabalhador, não gerou direitos e criou uma expectativa ilusória por meio de ideologias empreendedoras que se defrontam com um cenário marcado pela ausência de perspectivas econômicas, aumentando o número de desempregados e de inadimplentes. Nosso objetivo é debater a reestruturação produtiva e os novos horizontes trabalhistas, analisando a saída do Estado da economia e a precarização do trabalho. A reflexão foi construída a partir de consulta bibliográfica, as informações quantitativas foram levantadas a partir de pesquisas *on-line*. Lamentavelmente nossas conclusões não são nada animadoras, pois o que percebemos é que o mercado de trabalho se acirrou, exigindo muito mais qualificação por parte do trabalhador, que se viu órfão em seus direitos, mas não de suas obrigações.

Palavras-chave:

Reestruturação produtiva; neoliberalismo; precarização do trabalhador.

¹ III SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DO PPGS/UFS, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020. GT 05 – Precarização: transformações e crises nas relações sociais do trabalho. 1ª. Sessão – Trabalho, Economia e Estado. *Coordenadores: Prof. Dra. Vilma Soares de Lima (DCS/PPGS/UFS) e Prof. Dra. Marley Rosana Melo de Araújo (DPS/PROPADM/UFS).*

² Graduado em Ciências Sociais, mestre em geografia e doutorando em Sociologia (PPGS/UFS). Bolsista CAPES – fasiso72@gmail.com

Texto elaborado originalmente em 2018, destinado à disciplina “Tópicos Especiais em Sociologia I”, ministrada pela professora Drª Tânia Magno e reescrito entre set e out de 2020.



Introdução

Surgida no Japão de 1945, a reestruturação produtiva Toyotista desponta em um cenário de total destruição, como uma alternativa de organização produtiva que procura otimizar os lucros a cada peça produzida. A lógica desse modelo produtivo estava pautado em um mecanismo denominado de *Just in Time*, que consiste em produzir as mercadorias em um momento de demanda, no momento certo, evitando a produção excessiva que norteava o Toyotismo, modelo que procurava otimizar o lucro maximizando sua produção e diminuindo os custos. O modelo surgido no Japão só ganhou projeção em outros continentes nos idos de 1970, quando despontaram críticas empregada ao Estado gestor, que foi acusado de gastar mais do arrecadar e assim houve uma retomada da economia clássica, pautada nos moldes liberais, valorizando a livre iniciativa e o empreendedorismo.

As primeiras tentativas de implementar um modelo neoliberal se deu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Do ponto de vista ideológico foi fundamental o lançamento do livro “A condição pós-moderna”, do filósofo francês Jean François Lyotard (2008), que questionou as metanarrativas, direcionando seu o alvo principalmente nas teóricas utópicas do filósofo, historiador e economista alemão Karl Marx. Lyotard acusou as ciências de falharem no seu projeto de construção da verdade e de se aproximarem mais dos sistemas ideológicos. E assim o projeto pós-moderno³ pôs em xeque os ideais de projetos socialistas, pautadas em princípios universalistas, como a “luta de classes” ou “proletários do mundo inteiro, uni-vos” e instaurou uma sociedade pautada no “aqui e agora” e no hedonismo, como estilo de vida, onde os critérios estéticos se sobressaem às convicções éticas (BAUMAN, 2003), (MAFFESOLI, 2010).

Bauman (2003) ressalta ainda que, a retração economia de Estado tencionou um novo tipo de relacionamento entre indivíduos. Para o sociólogo polonês, o debate suscitado no final da década de 70, ficou marcado pela crise do petróleo e pela estruturação de um modelo neoliberal, reforçado por discursos empreendedores, individualistas, hedonistas, parece ter reverberado no enfraquecimento dos sindicatos e no fortalecimento de novos arranjos comunitários, de identidade e de pertencimento que valorizam uma estética dos relacionamentos em detrimento da ética, configurando assim uma modernidade líquida, pautada na fluidez dos

³ Vale ressaltar que as fronteiras entre pós-estrutural e pós-moderna nem sempre são claras (PETERS, 2000).



relacionamentos, onde as pessoas se “conectam” e “desconectam” em um clicar (BAUMAN, 2003). Despontou-se então um modelo de sociedade onde as pessoas norteiam suas agendas pelo desenraizamento e deixam de perseguir seus objetivos com afinco. E assim crítica ao marxismo tradicional, pautado na lutas de classes criou novas modalidades de acirramento norteados pelos conflitos étnicos, raciais, de gênero, questões ecológicas e epistemologias do sul, ratificando o dualismo clássico das ciências sociais do norte e teorias praticadas no sul, consideradas formas não científicas de conhecimento.

O tema dos novos horizontes trabalhistas é relevante por sua atualidade e está diretamente associado com à luta histórica de trabalhadores, que se veem aprisionados diante de cenário marcado pela precarização do trabalho (ANTUNES, 2018). Por sua vez, o reforço de ideologias empreendedoras não fornecem a contrapartida da garantia ao trabalhador, responsabilizado totalmente pelo sucesso ou fracasso de seu empreendimento, como se este fosse alheio às crises e intempéries que abalam a conjuntura do sistema, inclusive a níveis mundiais, como é o caso do COVID-19, por exemplo. Nossa hipótese é que a saída do Estado da esfera econômica, que vem ocorrendo desde os idos de 70, do século XX, quando ficou evidenciado a fragilidade do dessa instituição para participar ativamente da economia, por meio da ampliação das taxas inflacionárias. Em contrapartida, a saída efetiva do Estado do campo econômico, necessitou de ideologias motivacionais empreendedoras que findaram por abandonar o trabalhador à sorte e diminuindo garantias asseguradas historicamente como Direito a Vida, Saúde, Educação, Lazer etc.

O texto foi elaborado a partir da leitura de obras e autores que dialogam com a sociologia do trabalho; serviço social; filosofia; economia e pesquisas estatísticas *on-line*. Utilizamos Karl Marx, José Paulo Netto; Marcelo Braz e Domenico di Masi, para discutir sobre a questão do trabalho, além de Ricardo Antunes; Elaine Behring e Ivanete Boschetti para nos subsidiar acerca dos novos horizontes trabalhistas no mundo contemporâneo. Do ponto de vista das ideias, utilizamos Jean-François Lyotard, filósofo francês responsável pela crítica que levou a uma ruptura epistemológica responsável por enfraquecer o sindicalismo, as lutas de classes e nortear novas pautas para discussão marxista, que findaram contribuindo para os argumentos elaborados pelo economista Milton Friedman, acerca do desequilíbrio dos gastos empreendidos pelo gestão do Estado na economia.



1. Estruturas de produção e capitalismo

O homem para sobreviver precisa criar mecanismos que garantam a sua subsistência que vai do planejamento, elaborando estratégias a confecção de ferramentas que permitam a transformação da matéria-prima em um bem final. De modo específico ao longo do modo de produção capitalista o homem se deparou com vários ciclos produtivos dentro de um processo de industrialização nascente, especificamente na Inglaterra. O primeiro deles, conhecido como *ciclo hidráulico*, ocorreu por volta de 1785, durou cerca de 60 anos e ficou, e teve por característica predominante a produção de têxtil e de ferro. Na sequência, por volta de 1845, se deu o *ciclo do carvão*, durou aproximadamente 55 anos e ficou assinalado pela produção siderúrgicas, ferrovias, aço, máquinas a vapor, e carvão.

Na transição do século XIX para o XX, o capitalismo industrial experimentou novos horizontes geográficos, tanto na Europa, como consolidando-se em 1907 nos Estados Unidos, principalmente através da indústria de automóveis, quando os engenheiros mecânicos Henry Ford e Frederick Winslow Taylor proporcionaram uma revolução produtiva que procurou otimizar os lucros a partir da oferta excessiva e barateamento da fabricação. O Modelo implementado na fábrica da Ford em Detroit, Estados Unidos, carecia de algo que movimentasse esses automóveis e assim se deu o *ciclo do petróleo*, que durou por volta de 50 anos, até meados de 1948, aproximadamente. O modelo Taylorista, impulsionou as fabricas de eletrodomésticos, que passaram a produzir de modo excessivo, levando a um consumo desenfreado. Ampliou-se os créditos, as pessoas se endividaram e assim se deu um quadro de inadimplência generalizado que levou a um quadro de desemprego em cascata.

O quarto ciclo produtivo, ficou conhecido como *Ciclo da Informática*. Ele esteve diretamente associado à Terceira Revolução Industrial e aos anos gloriosos Estado do Bem Estar Social. Inaugurada de modo pulverizado nos Estados Unidos, parte da Europa e Japão, o *Ciclo da Informática* ficou marcado tecnologicamente união entre telecomunicações e informática, essenciais para o aprimoramento da aviação e fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade global, que permitiu a circulação de pessoas, bens e capitais. Essa fase durou até aproximadamente a os idos de 1990, quando os Estados Unidos, deflagrou uma nova revolução tecnológica pautada pelas redes digitais, informática e biotecnologia.



E assim se deu o desenvolvimento novo modelo produtivo pautado na informação e por isso denominado por Manuel Castells (2012), de *sociedade em rede*. Nesse modelo social, o principal componente econômico, norteador das ações econômicas é a “informação”, ingrediente fundamental à competitividade e produtividade, enquanto capacidade de gerar e gerenciar empresas de modo a maximizar seus os lucros.

Por fim, conforme sugerido por Giddens o desrespeito a natureza em busca de maximização dos lucros, cobrou do homem um alto preço e hoje “pagamos” pelas “Consequências da Modernidade” através da escassez de recursos naturais. O homem passou a se preocupar com a escassez de determinados recursos naturais e investiu mais pesquisas sobre bioquímica, ecologia industrial, nano tecnologia e sustentabilidade, elementos fundamentais para diminuir a emissão de poluentes. E essa tem sido a tônica que caracteriza os anos 2000 a 2020, marcado pelo profundo apelo ecológico.

2. Enxugamento do Estado e críticas aos projetos utópicos

Apesar de ter despontado nos idos de 1945, o modelo Toyotista só se concretiza de fato no ocidente a partir de 1975. Conforme definido por Ricardo Antunes, “o toyotismo expressa a forma particular de expansão do capitalismo monopolista do Japão no Pós-45” (2002, p. 231), e isso só se deu com as críticas enxugamento empregadas pelos economistas, norteados pelas ideias do economista Milton Friedman, que percebia no desequilíbrio nos gastos empreendidos pelo Estado democrático social como elemento inflacionário. A solução proposta então foi, diminuir as contas públicas através de privatizações incentivando a livre iniciativas, estimulando ações particulares, norteadas por um individualismo ideológico que foi estimulado pelos fatos ocorridos em maio de 68 na França e desembocou. Movimento que procurou recuperou Nietzsche e Heidegger e assim buscar um descentramento das estruturas passando a atribuir maior autonomia aos sujeitos.

Quando o mundo submergiu na crise econômica de 1929, o economista inglês John Maynard Keynes, propôs uma solução definida defendia uma agenda pautada no aumento do gasto público; redução da taxa de juros; ampliação do crédito e eventuais reduções de carga tributária. O plano de recuperação econômica sugerido



por Keynes consistia em atrair o Estado para economia, na função de agente regulador, norteado por princípios opostos aos ideais liberais, edificando assim um modelo de Estado social democrata, responsável por proporcionar medidas políticas de modo a assegurar garantias e benefícios sociais através de salário mínimo, férias remuneradas, décimo terceiro salário, seguro desemprego, redução da jornada trabalhista e assistência médica gratuita. A proposta do economista inglês era garantir entre as pessoas uma renda minimamente assegurada, capaz de permitir um planejamento de seus gastos de modo a evitar o calote generalizado, como aconteceu em 1929.

O modelo de um Estado gestor político-econômico implementado como resposta à crítica de 29, conviveu em um período denominado de Entre Guerras, que culminou de fato com a 2ª Guerra Mundial. Dado a esse conflito as nações passaram a investir alto na indústria bélica e assim aprofundaram-se em uma tremenda crise econômica e social. As nações, cada uma ao seu modo, propuseram várias alternativas no sentido de tentar equacionar a referida crise. Uma dessas soluções perpassava pelo incentivo maciço e intervenção estatal na economia, modelo não muito bem sucedido, dado ao endividamento dos Estados por conta da Guerra. O Japão, por sua vez, passou a investir em uma lógica produtiva pautada na “lógica flexível de produção”, denominada *Just in Time* e no “lucro obtido por unidade produzida”. O Toyotismo pautou-se pela *flexibilização*, que despertou novas regras de negociação, mercado e finanças. Essa flexibilização perpassou as relações de trabalho, produção e distribuição assentadas ao princípio do *Just in Time*.

Embora surgido em 1945 o modelo Toyotista só foi disseminado pelo ocidente nos idos de 70, não só pela crítica ao modelo do estado intervencionista, mas especialmente pelo reforço de ideologias que reforçam o individualismo, sugeridas por Jean François Lyotard (2008). O filósofo francês inspirou-se nos eventos ocorridos em maio de 68, para elaborar uma crítica às ciências, alegando que essas falharam em seus pressupostos em busca da verdade e findou se aproximando mais do que faz as ideologias.

A década de 70 é significativa do ponto de vista econômico, recuperando o liberalismo na Inglaterra e nos Estados Unidos, por volta de 1973, denominado neoliberalismo (SOUZA, 2010; SOUZA; SOUTO, 2015) e também no plano do pensamento filosófico-epistemológico. Nesse plano é bastante significativo do livro “A condição pós-moderna” (1977), edificando assim os pilares que questionam a



modificação do estatuto do saber científico, datado da década 1950, período no qual se cunhou a expressão pós-industrial. Embora não haja consenso sobre a expressão pós-modernidade, há intelectuais como Bauman, que preferem denominar esse momento de “modernidade líquida” ou Giddens que sugere a expressão “consequências da modernidade”, entre outros. Em comum eles alegam que não houve uma ruptura estrutural, capaz de gerar uma nova etapa na jornada humana, afinal, ainda vivemos em um capitalismo, urbano, com forte presença industrial (apesar de todas as mudanças). De todo modo, a tese sugerida Lyotard, denominada de pós-modernidade, discute essencialmente o tema do fracasso da ciência moderna e seus projeto de legitimação do saber, dado tanto pelo “relato de emancipação”, como pelo relato “relato especulativo” (LYOTARD, 2008).

O filósofo francês defende a tese que sugere uma descrença com as metanarrativas e sua crítica, que parece coadunar com o contexto neoliberal da década de 70, especificamente direcionada a Karl Marx. Lyotard defende como características contemporâneas uma crise das certezas e hipervalorização do relativismo e do subjetivismo, onde parece valer a máxima “sua verdade é somente sua” e finalmente um individualismo pautado no hedonismo, onde as pessoas buscam sua felicidade do modo que melhor lhe convier. Tal posicionamento relativista, defendido no livro, decorre da crítica direcionada ao pretense status científico proposto por Freud e Marx, pensadores fundamentais que findavam por valorizar a estrutura em detrimento do sujeito, abordagens fundamentais para a constituição de análises psicanalítica e também para a teoria literária antropologia, sociologia e história.

Essa nova dimensão paradigmática, mudou o enfoque interpretativo, recuperando Nietzsche e Heidegger. Lyotard, inspirado nos movimentos de maio de 68 na França buscou em Nietzsche o tema da origem da fraqueza humana dado pelo pecado, arrependimento etc. analisado pelo filósofo alemão que partiu da antiguidade clássica e percebeu que todo esse caminho que a humanidade tomou, de desencorajamento dos fortes e enaltecimento dos fracos, teve origem na Grécia e na escolha de Apolo, deus do ordenamento em detrimento de Dionísio, norteador dos sentimentos de liberdade sem culpas e da experimentação (WILLIAMS, 2012). Por sua vez, Heidegger foi fundamental para o aprimoramento da hermenêutica que atribuiu aos sujeitos maior folego e autonomia nas interpretações sociais. O sujeito



pós-moderno agora tinha em suas mãos uma autonomia nas interpretações de modo a experimentar livremente suas emoções, sentimentos e afetos livre de culpas.

Esse perfil do sujeito pós-moderno criou um novo perfil de trabalhador, sem as amarras de um projeto no qual ele perseguia dia a dia, por anos com um objetivo de obter relativa estabilidade ao final da vida. O trabalhador pós-moderno é aquele que está temporariamente em um emprego, ao final de um curto período de tempo ele sai para usufruir do seguro desemprego e só depois torna a procurar outro emprego. Mas a oferta de emprego não está assim a disposição do trabalhador, diante de um insucesso esse sujeito tornar-se alguém empreendedor, em uma sintonia com a ideia de viver um dia a cada vez, sem se preocupar com o futuro. Ele argumenta que tem maior autonomia e pode fazer seus horários a depender de suas necessidades, mas não percebe que sua autonomia e seus horários são norteados pelos horários de pico da demanda por seus serviços.

No Brasil essa modalidade de trabalho tem se intensificado desde 2018, aproximadamente, aumentando sensivelmente o número de trabalhador nessa modalidade de labuta. Como consequência, os trabalhadores por aplicativos, definidos sociologicamente pelo fenômeno da uberização, são agora forçados não só a ajustar seus horários de acordo com a demanda de serviços, princípio antes aplicado nas fabricas com o nome de *Just in Time*, que significa essencialmente produzir no momento certo de aumento da demanda. Dada a carência na oferta de emprego, que caminha lado a lado com a ideia empreendedora, mais pessoas se sentiram atraídas para esse setor produtivo, proporcionando assim maior concorrência entre esses “empreendedores” que se vêm forçados a dedicar mais horas de trabalho em face do aumento concorrencial.

Tal raciocínio emprega-se em várias modalidades de trabalho empreendedor. Em uma observação aleatória e não sistematizada, percebi ao longo de um dia que um determinado *youtuber*, comentarista de um determinado time de futebol, fez uma live pela manhã e outra à tarde, em horários fixos, rotineiros de segunda a sábado. Mas, nesse dia que fiz essa observação, foi especial pois haveria um jogo a noite. Então esse apresentador entrou com uma terceira live nesse dia, trazendo informações do pós jogo”. Ele então, para cativar seu público, falou ainda pela manhã, de sua jornada diária, enaltecendo o carinho e o capricho para preparar



aquele momento de apresentação. Conforme relato desse *youtuber*⁴ ele acorda as 7:00h, prepara a pauta e entra ao vivo na plataforma por volta das 10:30 para sua primeira live do dia. Depois ele participa de um debate, junto com outros *youtubers* em outro canal que tem o mesmo propósito, em um programa que vai de 11:30 até por volta das 13 horas. No turno da tarde o mesmo apresentador volta para outra live, as 17:30, em seu canal, junto com outros convidados e se estende por aproximadamente uma hora de programação. Mas especialmente no dia em que fiz a observação aleatória era um dia de jogo, e então apresentou ainda uma terceira live, de volta em seu canal, começando por volta da meia noite, onde discutia o placar, fazia análises táticas e de desempenho etc. A produção desse programa traz consigo outras pessoas que compõem uma equipe, responsáveis por gerar pauta, estruturar um cenário, câmeras, elaboração de imagens, seja fotos, gráficos etc.

A renda média desse trabalhador, empreendedor oscila de acordo a plataforma youtube, pela relação entre tempo que cada espectador esteve presente, assistindo a live. Ele conta ainda com a “generosidade” da contribuição, advindos através de que superchats que não têm valor fixo e oscilam entre r\$2,00 a r\$10,00, por vezes até mais. Alguns desses *youtuber* apostam também no que eles denominam clube de membros, uma espécie de clube vip, onde seus assinantes pagam mensalmente um plano para participam de um grupo fechado, recebendo notícias de modo antecipado e debatendo entre seus associados.

Conforme percebido, o tema da autonomia do sujeito, livre de arrependimentos, senhor de seu destino foi fundamental para o fortalecimentos de ideologias empreendedoras, motivacionais que deslocavam os debates marxistas de lutas de classe e passaram a desobrigar o Estado de suas atribuições como cuidados com a vida, saúde, educação, lazer, direito à circular livremente pela cidade etc. Esses nortes possibilitaram o surgimento de estudos na sociologia de Bauman, na filosofia de Cornel West, na política de Colin Gordon, na antropologia de James Clifford, para a história produzida por Hayden White, nos estudos feministas e de gênero de Judith Butler, nos estudos pós-coloniais de Edward Said e Homi Bhabha e nos estudos culturais elaborados por Stuart Hall, despertando uma nova agenda de debates orientados pelo relativismo, subjetivismo e individualismo, que

⁴ Por questões éticas e direitos autorais, optamos por resguardar o nome do *youtuber* bem como do referido canal na plataforma do youtube.



subsidiaram a troca do debate ético pelo estético, onde o “Bom” e “Mau” foram substituído pelo “Belo” e “Feio” (BAUMAN).

Para concretizar a ideia empreendedora foi preciso dotar os atores sociais de uma determinada autonomia não só ideológica, mas especialmente tecnológica. Nesse sentido, a Globalização foi fundamental para fazer circular pessoas, bens e serviços, facilitando o acesso a tecnologias que são fundamentais nessas modalidades empreendedoras. A base de tudo é o celular e uma conexão via internet, por meio do qual as pessoas se conectam, não apenas para uma conversa a dois, como eram os telefones. Por meio do celular, o sujeito empreendedor, cria um ambiente, mesmo que mínimo, faz suas transmissões e converte aquele ato em renda.

Aliás, a estratégia de transmissão por celular já há algum tempo foi incorporado pelos telejornais, em grandes emissoras de televisão, pois permitem um barateamento significativo evitando o deslocamento de toda uma unidade móvel. Essa tecnologia teve seu acesso democratizado e como parte desse acesso assistiu-se a um incremento de pessoas que passaram a produzir seus vídeos, com toda espécie de conteúdo, procurando vender seus serviços. Processo esse que foi imensamente intensificado por conta da pandemia, dado ao fechamento de estabelecimentos comerciais, bares, restaurantes, em especial, as pessoas tiveram de ficar em suas casas e então intensificou-se todo o tipo de Live, de todas as qualidades e assuntos, *youtubers* ou mesmo, profissionais *uberizados* que vivem o sonho da autonomia da renda, flexibilidade e realização do trabalho, falando e opinando sobre assuntos que lhes são aparentemente agradáveis a si, não apenas na esfera da intimidade de seus familiares mas em uma dimensão global.

3. Globalização, tecnologias e autonomia do trabalhador

O modelo implementado no Japão cobrava uma infraestrutura logística que só ocorreu na segunda metade da década de 70, dado ao momento de crise aguda do capitalismo, crítica ao estado social democrata e estímulo de novas ideologia centradas na autonomia do trabalhador. Mas essa autonomia do trabalhador dependia em parte do acesso dele a parte dos instrumentos de modo de produção. Note que antes era necessário um galpão e toda a maquinaria para produzir algo. A produção hoje, para usar uma linguagem do Bauman, é líquida, efêmera, pensemos



por exemplo nos *youtubers*, influenciadores digitais, onde está a materialidade desse bem? Nas nuvens?

Uma coisa fundamental nessa jornada se deu pelo processo de intensificação da globalização, dada pela quebra de fronteiras entre nações e formação de blocos que permitem entre si livre circulação de pessoas, bens e serviços. A consequência mais importante desse fenômeno foi provavelmente a pulverização da produção, não estando mais a um lugar específico, como era, por exemplo, a fábrica da Ford, situada em Detroit. A desterritorialização produtiva, disseminada em diversas nações, permite que os capitalistas desloquem facilmente seu aparato produtivo de um lugar para outro, e assim, os grandes empresários patrocinam verdadeiras competições entre estados e municípios, que interessados em atrair determinado pátio produtivo, findam duelando e entre si, ofertando benefícios, como concessão de terreno, isenção de impostos etc., enfim, tudo para atrair determinada fábrica para um determinado lugar, por um período previamente estipulado. Ao final desse período essa empresa promove um novo leilão de ofertas e desloca seu maquinário para outra região.

Do ponto de vista do trabalhador, as ilhas de produção, como são chamados os espaços produtivos disseminados para gerar um bem, findou fragilizando ainda mais as lutas sociais. Se no modelo Taylorista o trabalhador não reconhecia o resultado final do seu trabalho, a partir dos idos de 70, com a implementação das ilhas produtivas, o trabalhador não apenas não reconhece o fruto de seu trabalho, como também não reconhece outras pessoas envolvidas no todo. Um determinado bem tem sua produção fracionada, com os componentes eletrônicos fabricados na China, a “carcaça” (estrutura metálica) vem de Cingapura e esse produto tem sua montagem realizada em um balcão da zona franca de Manaus. Note que, seja um celular, computador ou televisor, as pessoas envolvidas na produção desse bem não se conhecem de fato.

Além dessas ilhas produtivas os trabalhadores, desempenham mais atividades fixas, eles precisam ser bastante adaptação diante das adversidades que lhes versatilidade, habilidade e criatividade. Nesse sentido, a proposta Toyotista é totalmente oposta às atividades rotineiras, enfadonhas e monótonas que se praticava no Taylorismo. Essa logística que combina mobilidade territorial e cobrança de criatividade, combinava ainda maior agilidade nas comunicações, transporte e distribuição, que passavam a circular livre de barreiras alfandegárias,



desde estivessem no mesmo bloco econômico, a intensificar o fenômeno da *Globalização*. A fragilidade do trabalhador se deu não só com o recuo do Estado quanto aos direitos sociais estabelecidos, mas pela implementação de outros mecanismos como terceirização do trabalho, *just-in-time*, *kanban*, ilhas de produção, trabalho em equipe, condomínio ou polo industrial, Círculo de Controle de Qualidade (CCQ), Qualidade Total etc.

4. O papel da Globalização no cenário de reestruturação produtiva

Por reestruturação produtiva entendemos enquanto fenômeno ligado à globalização, onde as empresas remodelam seu aparato produtivo de modo a obter maior competitividade. Essa reestruturação se caracteriza tecnologicamente pela inovação tecnológica, com base na microeletrônica, centrado nos *chips*, e tendo como exemplos o computador; máquinas de controle numérico computadorizado; robôs; *Computer Aided Design e Computer Aided Manufacturing (CAD-CAM)*; o desenho e produção industrial com auxílio de computadores. Do ponto de vista social despontaram novas relações entre os trabalhadores como terceirização do trabalho, *just-in-time*, *kanban*, ilhas de produção, trabalho em equipe, condomínio ou polo industrial, Círculo de Controle de Qualidade (CCQ), Qualidade Total entre outras que acirraram ainda mais a competitividade entre trabalhadores, movidos pelas ideologias motivacionais, empreendedoras, individualistas, de modo a fragilizar as relações sindicais, bem como as mobilizações por partes desses.

Com a reestruturação produtiva, os capitalistas investiram forte no maquinário procurando assim enormemente a mão de obra empregada e assim reduzir custos, em especial com salários, um custo permanente e necessário a cada novo mês. Quando o capitalista impõe um sofisticado maquinário, ele tem um gasto inicial para sua ampliação, mas depois de pago ele economiza deixando de pagar salários pois agora ele pode enxugar a folha de pessoas empregadas, necessitando de muito menos pessoas que irão controlar esse maquinário, inteligente, programado com chips e memórias sofisticadas de modo a otimizar a produção e o lucro.

Esse itinerário de substituição do homem pela máquina foi sensivelmente ampliado com a implantação de caixas eletrônicos, denominado 24 horas, evitando gastos maiores com salários e estruturas físicas, já que esses aproveitam de uma estrutura oferecida por shoppings, supermercados etc. na época do lançamento dos



caixas eletrônicos, os sindicatos, especialmente dos bancários, perceberam nisso uma ameaça futura a referida classe, que se viu bastante reduzida é fato, mas nem por isso desapareceu. Processo semelhante aconteceu com os professores, em especial, os de graduação ainda por volta de 2010 em diante, quando várias faculdades pelo país passaram a unir disciplinas “supostamente afins”, como antropologia e sociologia, filosofia e ética entre outras, diminuindo sensivelmente o número de professores, pela metade já que a cada duas cadeiras, convergiram tornando-se uma. Mas esse quadro se acirrou quando no decorrer da década de 2010, um fenômeno parecido com aquele ocorrido com relação aos bancários, se deu no campo da educação, com a implementação e ampla institucionalização do Ensino a Distância. Isso alterou substancialmente o exercício profissional e o professor passou a ser considerado um facilitador de acessos e conteúdos, preso ao mundo da projeção de imagem, característico da sociedade do espetáculo e do consumo.

Esse sujeito facilitador ficou cada vez mais refém das plataformas virtuais, por meio de ambientes virtuais de aprendizagens, e-mails, podcast etc. que resultaram em um sensível aumento da carga horária desse que já não é considerado trabalhador, empregado, funcionário da empresa mas sim um colaborador dessa. Esse “colaborador” não tem mais um horário fixo, ele tem de estar sempre *on-line*, disponível a qualquer hora do dia e da noite, afinal, sua carga horária foi substituída pelas metas, que sempre se renovam e sempre se ampliam.

Essas de um trabalho com metas, sem um horário fixo parece ter se alastrado sensivelmente dado a pandemia do COVID-19. Essa nova situação, antes nunca experimentada, em dimensões de fato globais, colocou o mundo em uma espécie de neurose pós-moderna e transformou o mundo do trabalho, dando novo sentido a labuta do professor, por exemplo, que, da noite para o dia se viu transformado em uma espécie de *coaching*, animador, gerador de conteúdo, produtor, apresentador, editor de imagens etc. E tendo como concorrente *youtubers*, pessoas de fato, muito mais preparadas profissionalmente para esse itinerário empreendedor.

Considerações finais

O presente artigo discutiu acerca da reestruturação produtiva surgida no Japão em 1945, como uma necessidade advinda em um momento de arrasada pela



2ª Guerra Mundial. Enquanto outras nações apostavam na intervenção estatal como maneira de recuperação da economia, o Japão passou a reestruturar sua produção, voltada essencialmente para atender determinados momentos de demanda, e assim evitando uma produção excessiva e a decorrente desvalorização do bem, diante do excesso de oferta. Embora surgido em meados de 1945, o modelo *Toyotista* não foi difundido para o ocidente pois ele carecia de maior autonomia por parte dos atores sociais, incentivando a livre iniciativa e restringindo a participação economia do Estado sobre a vida econômica

O ambiente propício ao *toyotismo* só se deu quando o modelo de Estado interventor da economia passou a ser questionado nos seus gastos excessivos, de modo a impulsionar a inflação. Esse momento de retomada liberal e livre iniciativa coadunou com a crítica ao estatuto das ciências e sua pretensão acerca da verdade. A tese dessa crítica, direcionada ao projeto política de uma sociedade utópica proposto por Karl Marx, argumentava essencialmente que a ciência havia se afastado do seria a verdadeira missão da ciência e se aproximado muito mais de um projeto utópico, ideológico.

Seus argumentos complementavam um quadro de mudanças estruturais que estavam se encaminhando de modo gradual desde o aparecimento do existencialismo e que apontava para um peso maior dos atores em detrimento da estrutura, O descrédito às metanarrativas por parte dos pós-modernos, encabeçados pelas propostas de Lyotard foi responsável por romper definitivamente com o marxismo, sem contudo abandonar o “problema do capitalismo” (PETERS, 2000), reforçando um o desmantelamento de um modelo de Estado intervencionista. A crítica elaborada por Lyotard à abordagem marxista tradicional, pautado no teor econômico e na luta de classes, forçou aos adeptos dessas interpretações a redirecionarem seus pensamento, propondo novos modelos interpretativos mais preocupados com temas como ecologia, grupos étnicos, sexuais etc.

O modelo de ideologia individualista, decorrente de correntes como existencialismo, o pós-estruturalismo e do pós-modernismo, recuperou Nietzsche e a crítica que ele estabeleceu à filosofia grega em sua opção pela valorização de Apolo em detrimento a Dionísio. Para Nietzsche, essa opção resultou, na história da humanidade, em uma moral que enaltece os fracos e desencoraja os fortes. Lyotard encontrou inspiração nos manifestos ocorridos em maio de 68 na França e recuperou o referido filósofo alemão para propor uma ideologia individualista,



empreendedora como estilo de vida. do ponto de vista econômico, estrutural e prático suas ideias ganharam projeções filosófico e comungavam com os interesses liberais que resultaram no desmonte de um Estado social democrata, seguido de reformas dos direitos trabalhistas, ocorridas em diversos países, acentuando a fragilidade do trabalhador de modo a maximizar os lucros das empresas. Como consequência, dessas mudanças estruturais assistiu-se ao aumento significativo do número de desempregados, subempregados ou de trabalhadores que se viram obrigados a migrar para a terceirização ou mesmo para o setor informal.

REFERENCIAL

ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho. In: *Revista da Faculdade de Direito de Campos*, Ano 11, N° 2 e Ano III, N° 3 . 2002.

_____. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BAUDRILLARD, Jean. *La sociedad de consumo*. Madri: Siglo XXI de España Editores, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

_____. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BEHRING, Elaine; BOSCHETTI, Ivanete. *Economia política: uma introdução crítica*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Biblioteca básica do serviço social; v 1.

BRASIL tem 13,1 milhões de desempregados até fevereiro, revela IBGE. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2019/03/29/internas_economia,1042184/brasil-tem-13-1-milhoes-de-desempregados-ate-fevereiro-revela-ibge.shtml> acessado em 05 de maio de 2019.

CASTEL, Robert. A nova questão social. In: *As metáforas da questão social: uma crônica do salário*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. p. 495 – 591.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. 1: A Sociedade em Rede. 15. imp. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 2012.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. Rio de Janeiro: Artnova, 1977.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 11 ed. São Paulo: 2002.

INADIMPLÊNCIA no país encerra 2018 com alta de 4,41%, o maior crescimento para os meses de dezembro desde 2012, mostram CNDL/SPC Brasil. Disponível em: <<http://site.cndl.org.br/inadimplencia-no-pais-encerra-2018-com-alta-de-441-o-maior->



crescimento-para-os-meses-de-dezembro-desde-2012-mostram-cndlspc-brasil/> acessado em 06 de maio de 2019.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

MAFFESOLI, Michael. *O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

MARGARETH, Rago; MOREIRA, Eduardo. *O que é taylorismo*. 10. reimp. São Paulo Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro I: São Paulo: Boitempo, 2013

MASI, Domenico di. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010. Biblioteca básica do serviço social; v 1.

PETERS, M. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte, Autentica. 2000.

SOUZA, Fábio. *Acumulação capitalista e questão social*. Aracaju: Gutemberg, 2010.

SOUZA, Fábio; SOUTO, Enedina. *Acumulação capitalista e questão social*. 2. ed. Aracaju: Unit, 2015.

TOURAINÉ, Alain. *Igualdade e diversidade: o sujeito democrático*. São Paulo: EDUSC, 1998.

TOURAINÉ, Alain. *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Petrópolis, Vozes. 2012.